

REPRESENTAÇÃO LEXICAL DE VERBOS INCOATIVOS E CAUSATIVOS NO PORTUGUÊS BRASILEIRO¹

Márcia CANÇADO

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

Luana AMARAL

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

RESUMO

Neste artigo, propomos que os verbos classificados geralmente como verbos que denotam uma mudança de estado podem ser subdivididos em duas classes semânticas. Os verbos do tipo ‘quebrar’ são distintos dos verbos do tipo ‘amadurecer’, em relação a algumas propriedades semânticas e morfo-sintáticas, formando assim duas subclasses verbais distintas. Enquanto os primeiros, do ponto de vista semântico, são verbos basicamente causativos e sofrem um processo de incoativização, os outros são verbos basicamente incoativos e sofrem um processo de causativização. Baseadas nessa hipótese, propomos que cada classe terá uma estrutura semântico-lexical distinta, mas que essa distinção não se refletirá na projeção da estrutura sintático-lexical e, por isso, do ponto de vista sintático, ou seja, apresentar as formas transitivas e intransitivas, essas classes verbais não se distinguem.

ABSTRACT

In this paper, we propose that verbs that are normally classified as change of state verbs can be subdivided in two semantic classes. Verb types of ‘quebrar’ and ‘amadurecer’ are distinct in relation to some semantic and morpho-syntactic properties. While ‘quebrar’ is basically causative and undergoes a causativization process, ‘amadurecer’ is basically inchoative and undergoes a inchoativization process, from the semantic point of view. Based on this hypotheses, we propose that each class have a distinct lexical semantic structure, but that such distinction does not reflect in the lexical syntactic projection. That is why, from the syntactic point of view, that is, to present the transitive or intransitive form, these classes do not differ.

¹ A autora Márcia Cançado agradece o suporte financeiro do CNPq (bolsa PQ) e FAPEMIG (bolsa PPM). A autora Luana Amaral agradece o suporte financeiro do CNPq (bolsa PIBIC).

PALAVRAS-CHAVE

Causativização. Estrutura de predicados. Estrutura sintático-lexical. Incoativização.

KEY-WORDS

Causativization. Inchoativization. Lexical-syntactic structure. Predicate structure.

Introdução

Existem na língua verbos causativo-transitivos que também apresentam a forma incoativo-intransitiva, processo esse conhecido como alternância verbal (ver Levin e Rappaport-Hovav, 1995, 1998, 1999, 2005 e outros). Segundo Parsons (1990), verbos desse tipo acarretam necessariamente o sentido de: *become* ('ficar') *ADJ*, em que o adjetivo é relacionado ao verbo. Para o português brasileiro, podemos ilustrar essa afirmação com os seguintes exemplos:

- (1) a. O João quebrou o vaso.
b. O vaso (se) quebrou.
c. O vaso ficou quebrado.²
- (2) a. O João abriu a porta.
b. A porta (se) abriu.
c. A porta ficou aberta.
- (3) a. O calor amadureceu a banana.
b. A banana amadureceu.
c. A banana ficou madura.

² Note-se que, quando não existe morfologicamente a forma adjetival, o particípio assume a função adjetiva. Para maiores explicações sobre a diferença entre a forma adjetival e a forma participial, ver Parsons (1990).

- (4) a. O calor azedou o leite.
- b. O leite azedou.
- c. O leite ficou azedo.

Portanto, faz sentido classificar os verbos acima, mais amplamente, como sendo pertencentes a uma mesma classe. Entretanto, em uma análise mais detalhada, vemos que existem certas diferenças relevantes que motivam uma subclassificação semântica mais fina para os dados do português brasileiro (daqui para frente PB).

Neste artigo, propomos que os verbos das sentenças em (1) e (2) são distintos dos verbos das sentenças em (3) e (4), em relação a algumas propriedades semânticas e morfo-sintáticas, formando assim duas subclasses verbais distintas. Enquanto os primeiros, do ponto de vista semântico, são verbos basicamente causativos e sofrem um processo de incoativização, os outros são verbos basicamente incoativos e sofrem um processo de causativização. Baseadas nessa hipótese, propomos que cada classe terá uma estrutura semântico-lexical distinta, mas que essa distinção não se refletirá na projeção da estrutura sintático-lexical e, por isso, do ponto de vista sintático, ou seja, apresentar as formas transitivas e intransitivas, essas classes verbais não se distinguem.

Este artigo apresenta uma introdução com o problema a ser investigado e a hipótese adotada para solucioná-lo. Na seção 2, delimitamos o que são verbos incoativos na abordagem semântica adotada. Na seção 3, apontamos as evidências e a relevância linguística de separarmos verbos incoativos de verbos causativos. Na seção 4, propomos uma representação lexical para a classe dos verbos incoativos, entrando aí, a estrutura semântica de predicados primitivos e sua projeção em uma estrutura sintático-lexical. Concluimos com algumas considerações gerais.

1. Os verbos incoativos

Antes de passarmos para a apresentação da nossa proposta, faz-se necessário explicitar o que estamos chamando de verbos incoativos. Para isso, faremos uma breve exposição de como esses verbos são tratados na literatura e como esses verbos serão classificados aqui.

Retomando a hipótese inacusativa de Perlmutter (1978), os verbos intransitivos são tradicionalmente divididos em duas subclasses: verbos inergativos e verbos inacusativos. Os verbos inergativos são aqueles que possuem um sujeito profundo e selecionam um agente como seu argumento. Já os inacusativos são verbos que não possuem sujeito profundo e selecionam um paciente para seu argumento. Por exemplo, temos os verbos inergativos em (5) e os inacusativos em (6):

- (5) a. O João nadou.
b. A menina correu.
- (6) a. O João caiu.
b. A moça envelheceu.

Apesar de os verbos inergativos serem considerados tradicionalmente como intransitivos, Chomsky (1995)³ propõe que esses verbos não são verdadeiramente intransitivos e que, de fato, eles teriam uma estrutura subjacente do tipo: *fazer um nado*, *fazer uma corrida*, em que entraria um verbo leve para completar a sua estrutura. Ciríaco (2007), para o PB, assume que, na verdade, os verbos inergativos são basicamente transitivos, apresentando a possibilidade de inserção de um objeto cognato específico, como nos exemplos em (7):

- (7) a. O João nadou um nado tipo borboleta.
b. A menina correu a corrida de São Silvestre.

³ Para maiores detalhes, ver Hale e Keyser (1993, 2002) e Baker (1988).

Assim, os verbos inacusativos são tidos como os verbos verdadeiramente intransitivos⁴, pois não conseguimos, a partir desses verbos, formar sentenças transitivas, seja com um verbo leve, seja com um objeto cognato:

- (8) a. *O João fez uma caída.
- b. *O João caiu uma caída feia.
- c. A moça fez uma envelhecida.
- d. *A moça envelheceu uma envelhecida difícil.

Entretanto, Amaral (2009), baseada na definição semântica de Cançado (2009) para argumentos, propõe que existem ainda verbos inacusativos que não são monoargumentais. Para Cançado, os argumentos de um verbo são todas as informações de sentido, ou propriedades semânticas, acarretadas lexicalmente por esse verbo para que seu sentido se sature, sem que esses precisem ser necessariamente explicitados na sintaxe. Por exemplo, verbos inacusativos que denotam movimento não seriam monoargumentais, pois eles acarretariam, necessariamente, para a sua estrutura argumental, papéis temáticos que explicitem algum ponto da trajetória desse movimento, como exemplificado em (9)-(11), ainda que esse argumento locativo possa não aparecer na sintaxe⁵:

- (9) João caiu (da cadeira).
- (10) O peixe emergiu (do fundo do rio).
- (11) A carta chegou (em minha residência).

⁴ É necessário realçar que os verbos inacusativos não são os únicos verbos verdadeiramente intransitivos; existem alguns verbos nomeados “verbos de modo de movimento” que são classificados na literatura como intransitivos: *A bola rolou/quicou/girou*. (Jackendoff, 1990; Levin e Rappaport 1993, 1995). Esses verbos também não podem ser classificados como inergativos, segundo a proposta de Chomsky: **fazer uma rodada*. Essa classe não será abordada neste artigo (ver Ribeiro, 2010). Provavelmente, mais classes intransitivas, que não se encaixam na divisão proposta na literatura entre inergativos e inacusativos, podem aparecer, à medida que estudos lexicais mais amplos são feitos.

⁵ Para maiores detalhes sobre verbos de trajetória no PB, ver Corrêa e Cançado (2006).

- (12) As jóias roubadas apareceram (na delegacia).

Neste artigo, tomaremos, então, como objeto de estudo os verbos inacusativos verdadeiramente monoargumentais, segundo a classificação semântica dada acima. Também, como este trabalho tem a semântica como foco principal de análise, não seria coerente adotarmos a terminologia de verbos inacusativos, que diz respeito à natureza morfo-sintática desses verbos. Adotaremos a denominação semântica de verbos incoativos, ou seja, verbos que denotam uma mudança de estado final, expressa por uma paráfrase do tipo: *[FICOU ADJ]*. Alguns exemplos desses verbos seriam:

- (13) a. A roupa mofou.
b. A roupa ficou mofada.
- (14) a. A maçã apodreceu.
b. A maçã ficou podre.
- (15) a. O leite talhou.
b. O leite ficou talhado.

Ainda, é importante realçar que existem alguns outros tipos de verbos classificados tradicionalmente como inacusativos, que são monoargumentais, mas que não são incoativos, pois não acarretam uma mudança de estado. Esses verbos, por exemplo, não aceitam a contraparte causativa, comum aos verbos incoativos. Veja os exemplos:

- (16) a. O bebê nasceu.
b.*O bebê ficou nascido.
c. *A mãe nasceu o bebê.
- (17) a. A flor brotou.
b. A flor ficou brotada.
c.*O calor brotou a flor.

- (18) a. A semente germinou.
 b. *A semente ficou germinada.
 c. *A chuva germinou a semente.

Esses verbos fazem parte de outra classe que denota somente uma criação final e apresenta características semânticas e sintáticas distintas das dos verbos incoativos. Por não se enquadrar, portanto, na nossa classificação, essa classe também não fará parte do nosso estudo.

Portanto, delimitamos aqui o que chamamos de classe de verbos incoativos: são verbos monoargumentais, que expressam uma mudança de estado na forma da paráfrase [*ficar AD*] e que apresentam uma contra-parte causativa.

2. Distinção entre verbos incoativos e verbos causativos

Reanalizando os exemplos de (1) a (4), partindo da hipótese acima, podemos concluir que todos os verbos abaixo pertencem à classe dos incoativos:

- (19) a. O vaso quebrou.
 b. O vaso ficou quebrado.
 c. O João quebrou o vaso.
- (20) a. A porta abriu.
 b. A porta ficou aberta.
 c. O João abriu a porta.
- (21) a. A banana amadureceu.
 b. A banana ficou madura.
 c. O calor amadureceu a banana.
- (22) a. O leite azedou.
 b. O leite ficou azedo.
 c. O calor azedou o leite.

Entretanto, Amaral (2009) mostra que existem evidências para que classifiquemos esses verbos distintamente. A primeira evidência diz respeito à natureza semântica do argumento interno desses verbos. Repare que a mudança de estado do argumento interno dos verbos em (19) e (20) deve-se a um processo que ocorre externamente ao objeto e não depende dele para se efetivar. Já a mudança de estado do argumento interno dos verbos em (21) e (22) deve-se a um processo que ocorre internamente a esse objeto e depende de propriedades inerentes do objeto para se efetivar. Kemmer (1993) classifica esses verbos como verbos que sofrem uma mudança de estado fisiológico. Alexiadou e Anagnostopoulou (2003) e Levin (2009) classificam esses verbos como verbos que tem uma causa interna, pois a mudança de estado que ocorre no evento é ligada às propriedades inerentes do objeto que muda de estado. Chamaremos, então, os verbos de (19) e (20) de verbos causativos, pois eles precisam de uma causa externa para que a mudança de estado se efetive. Já os verbos de (21) e (22), chamaremos de verbos incoativos, pois o próprio argumento interno que expressa a mudança de estado possibilita que esse processo de mudança de estado se efetive.

Entretanto, ainda é possível a inserção de uma causa em sentenças com verbos incoativos, como mostram os exemplos (c) de (19) a (22). Mas, diferentemente dos verbos causativos, as propriedades inerentes presentes no argumento interno dos verbos incoativos restringe a natureza do papel temático do argumento externo desses verbos. Os argumentos internos dos verbos incoativos, por serem responsáveis pela sua própria mudança de estado, não aceitam um agente na posição de argumento externo. Mesmo quando existe um argumento expresso por um NP animado, a denotação desse NP não é a de um agente, pois não se consegue acrescentar um instrumento na sentença; a interpretação desse NP só pode ser eventiva, como em (25) e (26). Para Levin (2009), essa causa indireta cria o ambiente propício para a ocorrência do processo, mas o processo só irá se desenrolar se o objeto afetado tiver

propriedades inerentes que o efetivem. Essas argumentações podem ser evidenciadas pelos exemplos abaixo:

- (23) a.*A empregada amadureceu a banana com o forno.
b. O calor do forno amadureceu a banana antes do tempo.
- (24) a. *O padeiro mofou o pão com o fermento.
b. A umidade excessiva da padaria mofou o pão.
- (25) a.*A babá azedou o leite com a colher.
(agramatical na leitura agentiva)
b. O fato de a babá ter colocado a colher suja no vasilhame azedou o leite.
- (26) a.*O menino adoeceu o pai.
(agramatical na leitura agentiva)
b. O fato de o menino dar muito trabalho adoeceu o pai.

Portanto, esses verbos podem ser considerados estritamente causativos indiretos, diferenciando-os dos verbos causativos, que por sua vez, aceitam agentes, causas diretas e indiretas como argumento externo, como vemos nos exemplos abaixo:

- (27) a. O João quebrou o vaso com um martelo, intencionalmente.
b. A ventania/o empurrão que o João levou quebrou o vaso.
- (28) a. O João abriu a porta com um machado.
b. O vento/o forte vento que soprou quebrou o vaso.

O fato de os verbos incoativos serem estritamente causativos, não aceitando um agente na posição de argumento externo, também acarreta outras consequências sintáticas, que os diferenciam dos verbos causativos: a construção passiva e a indeterminação do sujeito não são permitidas a verbos dessa classe. Veja os exemplos:

- (29) a. *A banana foi amadurecida.
b. *Amadureceram a banana lá na cozinha.
- (30) a. *O pão foi mofado.
b. *Mofaram o pão lá na padaria.
- (31) a. *O leite foi azedado.
b. *Azedaram o leite lá na cozinha.
- (32) a. *O pai foi adoecido.
b. *Adoeceram o pai lá em casa.

Uma última evidência que distingue as duas classes é que na versão intransitiva dos verbos incoativos não é possível a inserção do clítico *se*, como é possível para os verbos causativos:

- (33) a. O calor amadureceu a banana.
b. A banana *se amadureceu.
- (34) a. A umidade apodreceu o pão.
b. O pão *se apodreceu.
- (35) a. O calor azedou o leite.
b. O leite *se azedou.
- (36) a. O menino adoeceu o pai.
b. *O pai se adoeceu.

Alguns autores, como por exemplo Kaine (1975), Grimshaw (1982) e Reinhart e Siloni (2005), sustentam que o clítico *se*, nas línguas românicas, aparece na forma intransitiva como uma maneira de marcar a ausência de um argumento da diátese transitiva básica do verbo. Com isso, temos que assumir que existe uma forma transitiva básica e uma forma intransitiva derivada. O grande problema de assumir uma explicação dessa natureza é mostrar as evidências do que é uma forma básica de um verbo. Do ponto de vista sintático, os exemplos de (19) a (22) são idênticos: verbos

que apresentam uma forma transitiva e uma forma intransitiva. Existem outros autores que refutam essa proposta, por exemplo Kemmer (1993) e Maldonado (1999). Os autores propõem que o *se* pode aparecer para marcar diversas manifestações. Por exemplo, para o espanhol, Maldonado propõe que o *se* aparece em situações com significados particulares: a marca de correferencialidade, de impessoalização, de auto-afetação, de incoatividade, de processos espontâneos, entre outros. Até mesmo verbos reconhecidamente inacusativos podem receber a marca *se*, como o verbo *cairse*. Ainda, há muitos contra-exemplos com verbos depoentes, do tipo *arrepender-se*, *chamar-se*, que possuem a marca *se*, mas notadamente essa marca não é entendida como a remoção de algum argumento. Portanto, não existem evidências de que o clítico *se* marque alguma propriedade sintática.

Em outra linha de análise, Chierchia (2004) e Koontz-Garboden (2009) propõem que o fenômeno da anticausativização é uma operação geral de reflexivização. Entretanto, não nos parece uma alternativa adequada tratar a inserção do *se* como um processo de reflexivização único. Kemmer (1993) assume que existem dois domínios distintos em que a marca morfológica *se* opera: o domínio reflexivo e o domínio médio (as sentenças incoativas e as sentenças mediais, que apresentam a marca *se* nas línguas românicas, por exemplo). A autora mostra que há línguas, como as românicas, que apresentam a mesma marca morfológica para o processo de reflexivização e de construções médias. Entretanto, há línguas que apresentam duas formas distintas para marcar a reflexivização e as construções médias, como por exemplo, o russo e o latim. Ainda, como argumento principal, a marca *se* nas construções reflexivas marca uma mudança na referenciação dos participantes, tendo uma natureza nominal. Já, a marca *se* nas construções médias marca uma mudança de perspectiva no evento denotado, tendo uma natureza verbal⁶.

⁶ Godoy (em prep.) utiliza-se da decomposição de predicados para dar explicações mais refinadas sobre a ocorrência do *se* nas sentenças reflexivas e médias.

Portanto, fica também descartada essa hipótese da inserção do *se* como um processo mais geral de reflexivização. Por outro lado, Chierchia e Koontz-Garboden, como uma evidência da hipótese de reflexivização, propõem que no processo de anticausativização, o operador CAUSE é mantido em sua representação léxico-semântica. Essa hipótese específica nos parece interessante a ser perseguida, de acordo com os dados do PB.

Das propostas brevemente delineadas acima, vamos assumir e desenvolver dois pontos específicos a respeito da presença ou ausência da marca morfológica *se* nos nossos dados: primeiro, a marca morfológica *se* não indica marcação sintática; segundo, assumindo que a marca *se* pode indicar uma série de propriedades semântico-pragmáticas distintas, no caso específico dos verbos causativos e incoativos, essa marca vai indicar a presença do predicado primitivo CAUSE na estrutura lexical-semântica dos verbos. Desenvolveremos esses pontos na seção a seguir.

Para finalizarmos essa seção, retomamos, então, as evidências de que é necessário, do ponto de vista gramatical, separarmos a classe dos verbos de mudança de estado em duas subclasses semânticas mais finas: a dos verbos incoativos e a dos verbos causativos. Primeiramente, os verbos incoativos possuem um argumento interno semanticamente distinto, além da denotação de mudança de estado: existem propriedades inerentes que autorizam o processo a se efetivar, sendo essas propriedades até comparadas a uma causa interna ao processo. Essa natureza do argumento interno restringe o tipo de argumento externo que pode ser inserido na estrutura causativa: esses verbos não aceitam agentes na posição de argumento externo, aceitando somente causas indiretas nessa posição. Isso leva a uma importante restrição sintática: essa classe de verbos não aceita a passivização e a indeterminação, propriedades típicas de verbos que aceitam agente como argumento externo. E, por último, a classe dos verbos incoativos não aceita a marca morfológica *se*, na sentença intransitiva, fato comum aos verbos causativos. Isso se

deve ao fato de que esses verbos não trazem em sua estrutura semântica o predicado primitivo CAUSE, enquanto os verbos causativos, por apresentarem esse predicado em sua estrutura semântica, ao serem incoativizados, perdem esse predicado, aparecendo assim a marcação morfológica.

É importante realçar que não estamos assumindo que existem formas sintáticas básicas e derivadas, mas estamos assumindo que, a partir da decomposição do significado dos verbos, temos verbos que são, do ponto de vista semântico, basicamente causativos ou basicamente incoativos, entretanto, o processo sintático de transitivização ou intransitivização é o mesmo para as duas classes. Semanticamente, então, temos verbos causativos que se incoativizam, e verbos incoativos que se causativizam.

Outros exemplos de verbos da classe dos incoativos são:

- (37) açucarar, adoecer, amarelar, arroxear, azular, bichar, branquear, bronzear, cariar, cicatrizar, desabrochar, desmaiar, empipocar, embolorar, empalidecer, entontecer, enrouquecer, enrugar, enrubescer, ensurdecer, enegrecer, enferrujar, enverdecer, florir, fundir, inchar, mofar, necrosar, pretejar, rançar, sara, talhar...

3. A estrutura lexical

Vamos expor a seguir, a partir de Cançado e Godoy (2010) uma proposta teórica para basear nossas argumentações acima. As autoras propõem que existe uma representação lexical dos itens predicadores, a qual consiste em dois níveis relacionados: um nível sintático-lexical, que toma a forma das estruturas de Hale e Keyser (1993, 2002), e um nível semântico-lexical, que toma a forma de uma decomposição de predicados (nos termos de Levin e Rappaport-Hovav, 1995, 1998, 1999, dentre outros). Enquanto o nível semântico-lexical organiza e

caracteriza semanticamente as classes verbais, o nível sintático-lexical prevê as possíveis configurações sintáticas e as alternâncias argumentais dessas classes. O que os dois níveis têm em comum e o que os relaciona é a raiz. Na decomposição de predicados (nível semântico-lexical), a raiz é um elemento que representa o sentido idiossincrático do verbo e que pode ser classificada quanto a uma ontologia das raízes (Levin e Rappaport, 1998, 1999, 2005). Nas estruturas sintático-lexicais de Hale e Keyser (nível sintático-lexical), a raiz é um elemento pertencente a alguma categoria gramatical.

Seguindo a hipótese das autoras, a sintaxe lexical de Hale e Keyser (2002) pode funcionar como uma hierarquização dos argumentos semânticos, de forma a fazer a interface da semântica lexical com a sintaxe propriamente dita, a sintaxe sentencial. Ou seja, assumindo as estruturas de Hale e Keyser (2002) em composição com as estruturas de decomposição de predicados, Cançado e Godoy (2010) estão apresentando uma proposta de mapeamento sintático. Ainda, o mapeamento entre a semântica e a sintaxe se dá de uma forma “muitos-para-um”. Se o ponto de convergência das duas estruturas é a raiz, expressa na semântica por categorias ontológicas e na sintaxe por categorias gramaticais, é evidente que teremos várias classes semânticas associadas a uma única estrutura sintático-lexical, pois há mais categorias ontológicas do que categorias gramaticais.

3.1. A estrutura semântico-lexical

Rappaport-Hovav e Levin (2010) assumem que existem verbos que têm como parte de seu significado a especificação do processo de um estado resultante, os chamados “verbos de resultado”; e existem verbos que têm como parte de seu significado a especificação da maneira de como uma ação ocorre, os chamados “verbos de maneira”. Essa distinção é gramaticalmente relevante, já que os verbos de resultado e os verbos de maneira diferem na realização de suas estruturas argumentais.

Os verbos aqui tratados são classificados como verbos de resultado, ou mais especificamente, como verbos de mudança de estado.

Para os verbos que nomeamos causativos, os do tipo *quebrar*, as autoras propõem a seguinte estrutura semântica:

(38) *v*: [[X ACT] CAUSE [Y BECOME <STATE>]]

A estrutura inteira representa a contraparte causativa dos verbos de mudança de estado e a estrutura encaixada [Y BECOME <STATE>] representa a contraparte incoativa desses verbos. Na estrutura em (38), ACT, CAUSE e BECOME são predicados primitivos, X e Y são os argumentos de cada um desses predicados (o “agente” e o “paciente”, respectivamente) e o que está entre colchetes angulados é a chamada “constante” (Levin e Rappaport-Hovav, 1998) ou “raiz” (Levin e Rappaport-Hovav, 2005), que representa o sentido idiossincrático de cada verbo. Apesar de veicularem um sentido idiossincrático, as raízes podem ser classificadas quanto a determinados tipos ontológicos. A coincidência terminológica da palavra “raiz” nas propostas de Levin e Rappaport-Hovav e Hale e Keyser não é gratuita. As autoras entendem as estruturas de Hale e Keyser como uma “versão sintática” da decomposição de predicados.

Além de verbos do tipo em (38) expressarem uma mudança de estado, Cançado (2010) propõe que esses verbos devem ser decompostos como em (39) abaixo, em que X é uma força externa, como um agente, um instrumento ou mesmo uma eventualidade, Y é a entidade afetada e STATE é o elemento idiossincrático do significado, a raiz:

(39) *v*: [[X (ACT)] CAUSE [Y BECOME <STATE>]]

A representação semântica em (39) difere da de Levin e Rappaport-Hovav, em (38), porque especifica um pouco mais o evento. Cançado propõe que esses verbos apresentam o predicado ACT apenas opcionalmente, porque se X for o agente volicional da ação, isso não está marcado lexicalmente no verbo, mas no nível sentencial, com a presença de um modificador relacionado ao sujeito:

- (40) a. João quebrou o vaso.
b. João quebrou o vaso deliberadamente.

A interpretação agentiva irá depender da composição, na sintaxe sentencial, do sujeito com um modificador que expresse volição. Essa diferença semântica acarretará relevantes diferenças para as projeções da estrutura sintático-lexical, pois verbos que acarretam um agente lexicalmente, mesmo sendo uma causa externa, não aceitam a alternância causativa. Entretanto, a possibilidade de verbos desse tipo aceitarem como sujeito tanto um agente, como uma causa está marcada na própria estrutura de predicados dos verbos que compõem essa classe, pois nem todos verbos que denotam mudança de estado apresentam essa possibilidade. Portanto, é relevante fazer essa distinção.

Já para os verbos que chamamos incoativos, os do tipo *apodrecer*, Rappaport-Hovav e Levin (2009) propõem a seguinte estrutura:

- (41) [X <STATE>]

A estrutura acima apenas associa um argumento a uma raiz que pertence à categoria ontológica dos estados, que é também o sentido idiossincrático dos verbos. Entendemos também que essa representação perde uma importante característica desses verbos que é a denotação da mudança de estado, com a presença do predicado primitivo BECOME. Ainda, podemos também marcar na estrutura semântica, assim como fizemos para os verbos causativos, a possibilidade de ser inserido um desencadeador⁷ indireto na sua estrutura de predicados, ou seja, verbos da classe dos incoativos têm marcada na sua estrutura semântica essa característica. Propomos, então, a seguinte estrutura de predicados para os verbos incoativos:

⁷ É importante realçar a diferença entre o predicado primitivo CAUSE e o papel temático cause, conforme Parsons (1990) chama a atenção. Apesar de os nomes se sobreporem, o predicado expressa uma relação entre dois subeventos e o papel temático expressa a relação entre um argumento e seu predicator. Por isso, adoto o nome de desencadeador para o papel temático, evitando assim essa confusão terminológica.

(42) *amadurecer*. ([X] CAUSE) [Y BECOME <MADURO>]

Na estrutura em (42), *X* é interpretado como uma eventualidade que pode ser acrescentada ao verbo, em um processo de causativização, ou seja, esse desencadeador indireto não é inerente ao verbo. Ainda, a estrutura mostra a mudança de estado pela qual passa o argumento *Y*. Teríamos, então, a seguinte paráfrase:

(43) Pode existir um eventualidade *X* que causa (motiva) o *Y* ficar maduro.

Retomando as duas estruturas em (39) e (40), podemos agora fundamentar a nossa proposta de diferenciação entre as classes de verbos causativos e incoativos:

(44) *quebrar*. [[X (ACT)] CAUSE [Y BECOME <QUEBRADO>]]

(45) *amadurecer*. ([X] CAUSE) [Y BECOME <MADURO>]

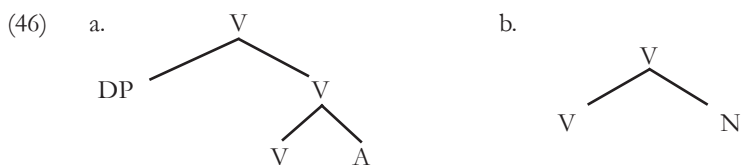
A partir das estruturas acima, fica claro que a diferença que diz respeito ao tipo de estado dos argumentos internos está exclusivamente no sentido idiossincrático de cada verbo, ou seja, as propriedades lexicais inerentes dos adjetivos *maduro* e *quebrado*. Portanto, essa distinção não pode ser captada pela estrutura de predicados, de uma forma mais específica. Entretanto, ter esse sentido específico acarreta distintos predicados primitivos. Os verbos do tipo *quebrar* têm uma CAUSE como predicado primitivo de sua estrutura e permitem ao argumento externo ser um agente ou um desencadeador. Os verbos do tipo *amadurecer* não têm o predicado CAUSE marcado na sua estrutura como sendo uma característica inerente do verbo. Entretanto, indicam a possibilidade de terem inseridos em sua estrutura semântica um desencadeador indireto, ou seja, um *X* que denote simplesmente uma eventualidade. Essa diferença é marcada morfológicamente no PB: verbos que têm CAUSE como predicado primitivo, quando é projetada somente a parte incoativa, são marcados morfológicamente com o clítico *se*. Ainda, verbos que tem

o predicado ACT' como uma possibilidade de ocorrência apresentam a passivização e a indeterminação.

Vejamos, então, como essas estruturas serão projetadas na sintaxe.

3.2. A estrutura sintático-lexical

Hale e Keyser (1993, 2002) propõem a existência de uma sintaxe no léxico, cujas estruturas (diagramas arbóreos) são as próprias estruturas argumentais dos itens lexicais. Os autores sugerem quatro estruturas sintático-lexicais para representar a estrutura argumental dos diferentes verbos. Vamos mostrar aqui somente as estruturas propostas para os intransitivos, os inergativos e os inacusativos:



Em (46a), temos a estrutura dos verbos deadjetivais, como *clear* ou dos verbos tipo *break*, que projetam um Spec e cuja raiz é de natureza A (adjetivo). A posição de Spec é a do argumento interno; o argumento externo não é representado nesta estrutura, pois não pertence à estrutura argumental dos verbos. O argumento externo faz parte da estrutura sintático-sentencial, a sintaxe propriamente dita.

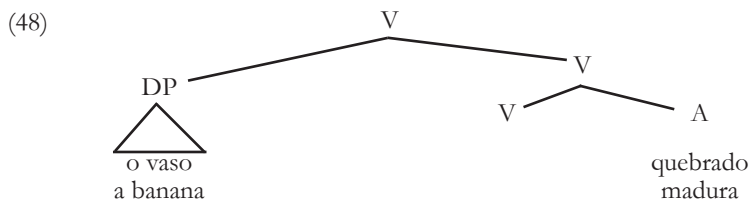
Em (46b), temos a estrutura sintático-lexical de verbos inergativos, como *laugh*. A raiz desses verbos (em posição de complemento de V) é de natureza gramatical N (nome) e não projeta um Spec para o verbo; esses verbos não têm argumento interno. A presença de um argumento interno em posição de Spec de V é o que determina a possibilidade de o verbo alternar entre uma forma intransitivo-incoativa e uma transitivo-causativa. Na sintaxe sentencial de verbos cuja estrutura sintático-lexical é (46a), o argumento interno pode ou ser alçado para a posição

de sujeito, formando uma sentença intransitiva, ou ocupar a posição de objeto, na presença de um argumento externo. Por outro lado, na estrutura sintático-lexical de verbos que não projetam um Spec, como em (46b), não há um argumento que possa ser alternado.

Vejam, então, como as classes dos verbos causativos e incoativos devem ser projetadas nessas estruturas. Apesar de termos proposto a divisão dos verbos que denotam mudança de estado em dois subtipos distintos, essa divisão não acarretará duas estruturas sintático-lexicais distintas. Vimos que essa divisão é pertinente para algumas propriedades morfosintáticas (passivização, indeterminação e marcação com o clítico *se*). Entretanto, essas diferenças dizem respeito ao argumento externo das três subclasses; com relação ao argumento interno, a estrutura de predicados é sempre a mesma, e é essa a subestrutura relevante para a análise sintático-lexical de Hale e Keyser:

(47) [Y BECOME <STATE>]

A raiz semântica dos verbos de mudança de estado pertence à categoria ontológica dos estados; essa informação é projetada na sintaxe lexical do verbo como um adjetivo⁸. A estrutura argumental proposta para esses verbos consiste em dois componentes estruturais: uma raiz (A) e um verbo hospedeiro (V). O componente verbal toma um complemento, realizado aqui como a raiz que, por ser um adjetivo, requer um Spec:



⁸ Estamos assumindo que o particípio que tem valor adjetival será projetado na mesma estrutura dos verbos deadjetivais.

A presença do Spec de V licencia a possibilidade de um argumento alternante. Essa estrutura sintático-lexical, portanto, prevê a ocorrência da alternância intransitivo/transitiva, como constatado nos nossos exemplos. Se o processo semântico é uma causativização ou uma incoativização, ou se existe a inserção do clítico *se*, esses fatores não serão relevantes para a estrutura argumental sintático-lexical. Por isso, propomos que sintaticamente as duas classes são idênticas: são verbos intransitivos, quando seu argumento interno é alçado para a posição de argumento externo, ou podem apresentar a alternância transitiva, quando seu argumento interno fica na posição original e é inserido um argumento externo na sintaxe sentencial.

Considerações finais

Vimos neste artigo que existe uma classe de verbos classificada como verbos de mudança de estado que pode ser classificada como verbos que denotam [*FICAR ADJ*] (por exemplo, para os verbos *quebrar* e *amadurecer* temos: *ficou quebrado/amadurecido*). Entretanto, em uma análise semântica mais fina, mostrou-se relevante, do ponto de vista sintático e semântico, subdividir essa classe em duas.

Assumimos que entre os verbos inacusativos, verbos que são considerados, em geral, verdadeiramente intransitivos, existem verbos que não são monoargumentais, por acarretarem um lugar ou uma trajetória: *cair no chão*, por exemplo. Esses verbos não são tratados aqui, assim como verbos inacusativos que não acarretam [*FICAR ADJ*] e nem permitem a alternância causativa: os verbos do tipo *nascer*, por exemplo. Feita essa triagem, chamamos os verbos inacusativos que são monoargumentais, acarretam [*FICAR ADJ*] e permitem uma contra-parte causativa, de verbos incoativos.

Ainda, mostramos que existem evidências semânticas e sintáticas que motivam a separação dos verbos de mudança de estado em duas subclasses: a dos verbos causativos (*quebrar*) e a dos verbos incoativos (*amadurecer*). Primeiramente, os verbos incoativos possuem um argumento interno semanticamente distinto, além da denotação de mudança de estado: existem propriedades inerentes que autorizam o processo a se efetivar, sendo essas propriedades até comparadas a uma causa interna ao processo. Essa natureza do argumento interno restringe o tipo de argumento externo que pode ser inserido na estrutura causativa: esses verbos não aceitam agentes na posição de argumento externo, aceitando somente causas indiretas nessa posição. Isso leva a uma importante restrição sintática: essa classe de verbos não aceita a passivização e a indeterminação, propriedades típicas de verbos que aceitam agente como argumento externo. E, por último, a classe dos verbos incoativos não aceita a marca morfológica *se*, na sentença intransitiva, fato comum aos verbos causativos. Isso se deve ao fato de que esses verbos não trazem em sua estrutura semântica o predicado primitivo CAUSE, enquanto os verbos causativos, por apresentarem esse predicado em sua estrutura semântica, ao serem incoativizados, perdem esse predicado, aparecendo assim a marcação morfológica.

Feita essa distinção, propomos que os verbos incoativos sofrem um processo de causativização e os verbos causativos sofrem um processo de incoativização, o que é diferente de assumir que existem verbos basicamente transitivos e intransitivos, pois essa diferença semântica não será relevante para a projeção na estrutura sintático-lexical e, conseqüentemente, para a estrutura sentencial. Vimos que essa divisão é pertinente para algumas propriedades morfossintáticas (passivização, indeterminação e marcação com o clítico *se*). Entretanto, essas diferenças dizem respeito ao argumento externo das três subclasses; com relação ao argumento interno, a estrutura de predicados é sempre a mesma, e é essa a subestrutura relevante para a análise sintático-lexical aqui proposta.

Referências

- ALEXIADOU, A.; ANAGNOSTOPOULOU, E.; SCHÄFER, F. **The properties of anticausatives crosslinguistically**. In: FRASCARELLI, Mara (org.). *Phases of Interpretation*. Berlin: Mouton, 2006. p. 187-211.
- AMARAL, L. **A Causativização de verbos inacusativos**. Relatório Final de Iniciação Científica – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte. 2009.
- BAKER, M. **Incorporation: A Theory of Grammatical Function Changing**. Chicago: University of Chicago Press. 1988.
- CANÇADO, M. **Argumentos: Complementos e Adjuntos**. Alfa: Revista de Linguística. São Paulo, v. 53, n.1, p. 35-59, 2009.
- _____. **Verbal alternations in Brazilian Portuguese: a lexical semantic approach**. *Studies in Hispanic and Lusophone Linguistics*, v. 3, n.1, 2010.
- CANÇADO, M.; GODOY, L. 2010. **Representação lexical de classes verbais do PB**. Manuscrito apresentado na UFRJ, março de 2010 e na UFRGS, abril de 2010. Disponível em: <<http://www.letras.ufmg.br/nucleos/nupes>>
- CHIERCHIA, G.. **A semantics for unaccusatives and its syntactic consequences**. In: ALEXIADOU, ANAGNOSTOPOULOU e EVERAERT, eds.. *The unaccusativity puzzle*, Oxford: Oxford University Press. 2004. p. 22-59.
- CHOMSKY, N. **The Minimalist Program**. Cambridge (MA): MIT Press. 1995.

CIRÍACO, L. **A Alternância Causativo/Ergativa no PB: restrições sintáticas e semânticas**. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Minas Gerais. 2007.

CORRÊA, R.; CANÇADO, M. **Verbos de trajetória no PB: uma descrição sintático-semântica**. Revista de Estudos da Linguagem, 14 (2): 371- 404, 2006.

DOWTY, D. **Thematic proto-roles and argument selection**. Language, Baltimore, v. 67, n. 3, p. 547-619, 1991.

GODOY, L. Em prep. **A construção reflexiva e as classes verbais no PB**. Tese (Doutorado). Universidade Federal de Minas Gerais.

GRIMSHAW, J. **On the Lexical Representation of Romance Reflexive Clitics**. In: BRESNAN, J. ed., Mental Representations of Grammatical Relations. Cambridge (Mass.): MIT Press. 1982.

HALE, K.; KEYSER, S. **On Argument Structure and the Lexical Expression of Syntactic Relations**. In: HALE K.; KEYSER, S. eds., **The View from Building 20**. Cambridge (Mass.): MIT Press. 1993. p. 53-109.

_____. **Prolegomenon to a Theory of Argument Structure**. Cambridge (Mass.): MIT Press. 2002.

JACKENDOFF, R. **Semantic structures**. Cambridge (Mass.): MIT Press. 1990.

KAYNE, R. **French Syntax: The Transformational Cycle**. Cambridge (Mass.): MIT Press. 1975.

KEMMER, S. **The Middle Voice**. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company. 1993.

KOONTZ-GARBODEN, A. **Anticausativization**. *Natural Language and Linguistic Theory*, n. 27, p. 77-138, 2009.

LEVIN, B. **English verb classes and alternations**. Chicago: The University of Chicago Press. 1993.

_____. **“Further Explorations of the Landscape of Causation: Comments on the Paper by Alexiadou and Anagnostopoulou”**, *Proceedings of the Workshop on Greek Syntax and Semantics*, MIT Working Papers in Linguistics 49, Department of Linguistics and Philosophy, MIT, Cambridge, Mass., 2009. p. 239-266.

LEVIN, B.; RAPPAPORT-HOVAV, M. **Unaccusativity: at the syntax-lexical semantics interface**. Cambridge: MIT Press. 1995.

_____. **Building verb meanings**. In: BUTT, M; GEUDER, W. (eds.) **The projection of arguments: lexical and compositional factors**. Stanford: CSLI Publications. 1998.

_____. **Objecthood: an event structure perspective**. In: *CLS*, n. 35, v. 1: the main session. 1999.

_____. **Argument Realization**. Cambridge: Cambridge University Press. 2005.

MALDONADO, R. **A Media Voz**. México: Universidade Nacional Autónoma de México. 1999.

PARSONS, T. **Events in the Semantics of English: a study in subatomic semantics**. *Currents Studies in Linguistic Series*: 19. Cambridge: MIT Press. 1990.

PERLMUTTER, D. **Impersonal passives and the Unaccusative Hypothesis**. *Berkeley Linguistics Society* 4, 1978. p.157-189.

RAPPAPORT-HOVAV, M.; LEVIN, B. **Reflections on Manner/Result Complementarity**, in DORON, E.; RAPPAPORT-HOVAV, M., and SICHEL, I. eds., **Syntax, Lexical Semantics, and Event Structure**, Oxford University Press, Oxford, UK, 2010. p. 21-38.

REINHART, T.; SILONI, T. **The lexicon-syntax parameter: reflexivization and other operations**. *Linguistic Inquiry*, v. 63, n. 3, 2005.

RIBEIRO, P. **A Alternância Causativa no Português do Brasil: A Distribuição do Clítico *se***. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2010.